

## HIERARQUIA

Centenário do Sul, Alvorada do Sul... São "do Sul" porque deve haver outras cidades com esse nome em algum ponto mais setentrional do Brasil; estamos porém, no extremo norte do Paraná, junto ao Paranapanema. O governador do Estado está em excursão pela zona, e este repórter tem uma longa e melancólica experiência de comitivas desse gênero. No dia do Juízo certamente o Senhor mandará pôr na balança de seu Haver as toneladas de poeira e os quilômetros de discurso que já engullu de lápis na mão, na cauda de tediosas comitivas.

Mas nestas terras novas, nestas sociedades de aluvião, não há o mesmo protocolo oficialista de zonas mais antigas. Nem em Minas Gerais nem no Sul do Paraná os homens viriam banquetear o governador assim tão à vontade, sem gravata, às vészes de barba por fazer. E embora usem o "vossa excelência" (nem sempre, porque alguns preferem "o senhor" e outros chegam a "você") não mostram aquêlê sentimento de hierarquia, aquela espécie de veneração à autoridade sensível em zonas mais antigas. Estamos em terras de uma espantosa mobilidade social, em uma sociedade fortemente individualista, em que tudo, ou quase tudo, é feito pelos particulares. Cada um tem, assim o sentimento muito vivo do próprio esforço, e encara o Estado com uma espécie de ânimo reivindicativo, com um olho de credor para devedor. Pedem estradas, escolas, hospitais com um ar de quem não está pedindo, está exigindo seu direito. E o governador responde no tom de quem reconhece êsses direitos e cuida bem de só prometer o que sabe que poderá logo cumprir. Anuncia as providências para a assistência à lavoura e ao trabalhador rural, fala das pontes sobre o Paranapanema que permitirão o escoamento das safras para São Paulo, diz coisas concretas. Entretanto sua vitória eleitoral, como candidato de oposição, nesta zona sem qualquer tradição política, sem nenhum mito de "doutor" ou "coronel", foi baseada em um lema surpreendentemente teórico: "Liberdade e Justiça". Isso e não nenhuma palavra de ordem populista, foi o que comoveu êsses rudes pioneiros — como se, no fundo, eles se sentissem por si mesmo capazes de conquistar todos os bens materiais e ao govêrno pedissem antes de tudo a garantia da liberdade de cada um e de justiça para todos naufragadas pelos próprios embates das ambições e rudezas de uma súbita e desordenada opulência. Agora que as questões de terra amallnaram, que os conflitos cessaram e não há mais perseguições é que eles reclamam benefícios mais concretos para suas jovens comunas: a colônia, a ponte, a agência dos Correios, o grupo escolar. E para dizer isso não se julgam obrigados a engraxar as botas avermelhadas de poeira nem a pentear demastado os cabelos.

A principio, engravatado, o governador acaba recebendo as homenagens e reclamações de blusão aberto ao peito. E ao anoitecer aparecerá assim, empoeirado, no jantar de Bela Vista do Paraíso, onde, por ser terra mais antiga e mais urbanizada (o povoamento é "antigo", foi iniciado em 1939!) os homens já levam suas senhoras para o jantar de homenagem, e bem vestidas, quase todas de preto, com colar de pérolas — e o jovem chefe de contabilidade da Prefeitura já tem surtos condoreiros e ameaça reformar a Constituição da República para instaurar o sistema municipalista, declarando orgulhosamente que isso é o que o interessa nos Estados Unidos, e não seu réis capital imperialista. — E.B. 27-1-52

(2. Rep. Paraná)